



**CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MARIA DO ROSÁRIO DA SILVA FLOR**

**A LEITURA NO PROCESSO DE LETRAMENTO ESCOLAR: (RE) VISITANDO A  
PRÁTICA DOCENTE**

Guarabira – PB  
2011

**MARIA DO ROSÁRIO DA SILVA FLOR**

**A LEITURA NO PROCESSO DE LETRAMENTO ESCOLAR: (RE) VISITANDO A  
PRÁTICA DOCENTE**

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Ms. Fábio Pessoa da Silva

Guarabira – PB  
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

F632c Flor, Maria do Rosário da Silva

A leitura no processo de letramento escolar: (re) visitando à prática docente / Maria do Rosário da Silva Flor. – Guarabira: UEPB, 2011.

28f.

Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) –  
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Fabio Pessoa da Silva”.

1. Letramento                      2. Alfabetização  
3. Leitura I.Título.

22.ed. CDD 370.71

MARIA DO ROSÁRIO DA SILVA FLOR

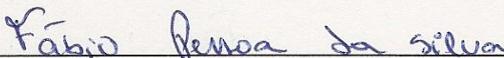
**A LEITURA NO PROCESSO DE LETRAMENTO ESCOLAR: (RE) VISITANDO A  
PRÁTICA DOCENTE**

Artigo científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Fábio Pessoa da Silva.

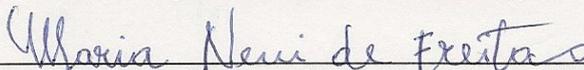
Aprovado em 09 de Junho de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Ms. Fábio Pessoa da Silva - UEPB

(Orientador – Presidente)



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Neni de Freitas - UEPB

(Examinador 1)



Prof. Ms. Luana Francisleyde P. de Farias

(Examinador 2)

Guarabira – PB

2011

## **A LEITURA NO PROCESSO DE LETRAMENTO ESCOLAR: (RE) VISITANDO A PRÁTICA DOCENTE**

Maria do Rosário da Silva Flor  
Graduanda do curso de Letras – UEPB  
Prof. Orientador: Ms Fábio Pessoa da Silva

### **RESUMO**

O presente artigo buscou apresentar algumas reflexões sobre o ensino da leitura na alfabetização, tomando como ponto de partida a perspectiva do letramento. Sendo a leitura um dos múltiplos desafios da escola e talvez o mais valorizado em níveis de exigência na sociedade, seu ensino deve permitir o acesso às diferentes práticas e usos. O foco da pesquisa foi a análise das concepções de aprendizagem da leitura e a relação existente entre a teoria e o preparo de aula de leitura por professoras que alfabetizam. Para tanto, serviram como base teórica para a elaboração deste artigo autores da área da educação, alguns com obras que se voltam predominantemente para a prática do letramento como Kleiman (1995) e Soares (2009). Outros autores consultados como Freire (2001), Martins (2003), Silva (2006) e Koch (2006) contribuíram com textos que se voltavam também para a prática de leitura. Assim neste artigo, primeiro serão abordadas as definições de letramento e alfabetização para em seguida comentar a leitura no processo de letramento escolar, enfocando a leitura na escola e o perfil do professor leitor na formação de alunos leitores. Por conseguinte, foram feitas análises do direcionamento da aula de leitura a partir de questionários aplicados a professores de alfabetização (1º ano). A análise dos dados indicou que as professoras orientam seu trabalho numa base construtivista, tomando a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem da leitura. O confronto dos dados obtidos mostra que as professoras apresentam uma boa concepção de aprendizagem da leitura durante o processo de alfabetização.

**Palavras-chave:** Letramento . Alfabetização . Leitura

### **1 INTRODUÇÃO**

Sabemos que a aprendizagem engloba processos de ensinar e aprender que com o decorrer do tempo sofrem mudanças das mais simples as mais radicais, levando as pessoas a se ajustarem à forma considerada padrão na sociedade. Estão contidos nesse processo mudanças de comportamento que são obtidas através de experiências adquiridas a partir de diversos fatores presentes em diferentes áreas da vida. Dessa forma o conhecimento vai sendo construído e reconstruído continuamente.

A nova realidade da educação brasileira tem admitido o uso de dois conceitos que se completam: alfabetização e letramento. Conforme define Tffoune (2006, p.20): “Enquanto a

alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Desse modo, a alfabetização é entendida como o processo de aprendizagem da leitura e da escrita e o letramento se constrói de diferentes formas de usos das habilidades de leitura individual e socialmente.

A leitura, na perspectiva do letramento, vai além de somente ler na escola, ultrapassa o processo de repetir falas de textos para detectar informações, a fim de se fazer cópias e responder questionários. O letramento é caracterizado pelo exercício das práticas de leitura nos diversos eventos da vida cotidiana, pois o letrado ler também enquanto cidadão, participante de uma sociedade que exige cada vez mais preparo.

Justifica-se a elaboração deste artigo por ser o mesmo fruto de indagações sobre questões atuais como alfabetização e letramento. Muito se tem falado sobre a importância de se haver boa alfabetização nas nossas escolas, pois se entende que nesta série há um divisor de águas no ensino escolar e o não sucesso do aluno nessa fase gera uma cascata de deficiências nas séries posteriores, sendo a deficiência de leitura a principal delas.

Dessa forma, este artigo contribui para reflexão acerca das questões de letramento e alfabetização ao passo que são feitas considerações sobre as concepções de leitura, tomando como base a prática de leitura entre os próprios professores assim como seu papel neste processo.

A metodologia foi construída com pesquisas em livros, artigos e dissertação cujos autores são da área da educação. Tais autores foram: Kleiman (1995), Soares (2009), Freire (2001), Martins (2003), Silva (2006) e Koch (2006).

Alfabetizar não é um trabalho simples e fácil, ao contrário, ao se alfabetizar, além de tornar a criança capaz de ler e escrever é preciso também envolvê-la nas práticas sociais da leitura e escrita de modo que aprendam a fazer uso delas.

Assim, buscam-se professores alfabetizadores que dominem conhecimentos específicos referentes à construção da escrita e leitura pela criança a fim de que possam efetivamente auxiliá-las neste processo.

## **2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO ESCOLAR: PROCESSOS INTERLIGADOS**

Alfabetização e Letramento são palavras com conceitos diferentes, mas que fazem parte do mesmo processo, ou seja, a aprendizagem mediada pela linguagem. O conceito de alfabetização sofreu alterações nos anos de 1940, a fim de se ter uma melhor avaliação da

população alfabetizada, medida através dos questionários utilizados nos censos demográficos. Até essa data, era considerada alfabetizada a pessoa que escrevia o próprio nome. Já a partir de 1950 e até o ano de 2000, era considerada alfabetizada a pessoa que sabia ler e escrever um bilhete simples.

Entretanto, esse conceito de alfabetização, que passou a ser aplicado a partir do início do século XXI, trouxe um novo problema: as pesquisas feitas em domicílios seguiam o critério de anos de escolarização e mostraram uma nova realidade, *a alfabetização funcional*, resultado de uma oferta de ensino precário e com problemas sérios de qualidade. As pessoas aprendiam a ler e escrever palavras e frases, mas isso não garantia o exercício das práticas de leitura e escrita em busca de propósitos sociais de cidadania. Segundo Soares (2009, p. 45-46),

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem a competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio...

A palavra letramento, portanto, surgiu para nomear as diferentes necessidades de uso da leitura e escrita, bem como para incluir as diversas práticas de linguagem orais e escritas, ampliando assim o entendimento sobre o que é ser letrado e alfabetizado, discutindo os impactos sociais da escrita para o indivíduo que vive numa sociedade letrada. Dessa forma, o letramento é fruto do amadurecimento dos conceitos de alfabetização nos últimos 30 anos. Letramento é uma versão da palavra inglesa *literacy*, que designa todo o complexo processo de alfabetização. Aqui no Brasil, a palavra letramento associa-se à palavra alfabetização, ao invés de substituí-la, conforme define Soares (op., cit., p. 44):

Letramento é o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita

Para Kleiman (1995), a complexidade do conceito de letramento pode ser percebida na complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio. A mesma autora procura ainda distinguir duas concepções de letramento: o modelo autônomo, que presume a ideia de que a escrita teria uma lógica em si independente, como um caminho único

de desenvolvimento das habilidades e aprendizagem do sistema. Para Kleiman (1995, p. 21-22):

A característica de “autonomia” refere-se ao fato de escrita, nesse modelo, um produto completo de si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado estaria determinado pelo funcionamento lógico interno do texto escrito, não dependendo das (nem refletindo, portanto) reformulações estratégicas que caracterizam a oralidade, pois nela, em função do interlocutor, mudam-se rumos, improvisa-se, enfim, utilizam-se outros princípios que os regidos pela lógica, a racionalidade, ou consistência interna, que acabam influenciando a forma da mensagem.

Outra concepção de letramento, segundo Kleiman, é o modelo ideológico, que associa as práticas de letramento à cultura e à estrutura de poder da sociedade na qual as práticas são culturalmente compartilhadas:

O modelo ideológico, portanto, não deve ser entendido como uma negação de resultados específicos dos estudos realizados na concepção autônoma do letramento. Os correlatos cognitivos da aquisição da escrita na escola devem ser entendidos em relação às estruturas culturais e de poder que o contexto de aquisição da escrita na escola representa (op., cit., p. 39).

A dificuldade de formulação de uma definição do fenômeno do letramento com precisão é o que gera a maior parte das dúvidas sobre os níveis de letramento. As diferentes definições dadas ao termo estão baseadas, de uma maneira geral, em duas dimensões. Magda Soares aponta as duas dimensões do letramento em seu livro “Letramento: um tema em três gêneros”. a saber: a dimensão individual e a dimensão social.

Para a autora, o que dificulta o entendimento da dimensão individual do letramento é a consideração da leitura e da escrita como uma única habilidade, desprezando as características de cada uma. Outro problema seria que, quando consideradas as diferenças entre leitura e escrita, ignoram-se as inter-relações existentes entre essas duas habilidades sociocognitivas, dando ênfase apenas a uma em detrimento da outra. Já a dimensão social é um conjunto de práticas que estão ligadas à leitura e à escrita, havendo uso dessas habilidades voltadas para o que é exigido socialmente.

Quanto às diferenças entre letramento e alfabetização, é necessário destacar que esses dois processos estão diretamente ligados, no entanto, deve-se compreender que eles apresentam abrangências diferentes.

É comum que o processo de alfabetização seja confundido com o processo de letramento, como se fossem um só. Todavia, cabe ressaltar que a alfabetização está contida no

letramento sendo este um *continuum* de aprendizagens mediadas pela linguagem, em suas diversas possibilidades e materializações. Não é possível estabelecer uma ordem ou sequência entre alfabetização e letramento, pois toda pessoa possui algum grau de letramento, mesmo que seja mínimo ou mesmo que ainda não seja alfabetizada. Isso implica dizer que o letrado não necessariamente é o alfabetizado. De acordo com Silva (2008, p. 44-45),

O letramento constitui um processo plural, amplo que engloba a alfabetização, mas não se reduz a ela; ou seja, comporta os eventos de participação dos indivíduos nos meios de interação social, mediada pela escrita. (...), entendemos que o aprendiz já traz consigo um leque de experiências advindas das relações como a família e comunidade, ou seja, temos um sujeito letrado que detém uma oralidade secundária e, por assim ser, encontra-se plenamente apto a desenvolver a escrita formal através da agência escolar do letramento.

A escola é hoje a instituição encarregada pela introdução formal das pessoas no mundo da escrita. No entanto, nas instituições de ensino, o fenômeno do letramento frequentemente limita-se ao mundo da escrita. O problema está no fato de que sendo a escola a mais importante agência formal de letramento, importa-se mais com o processo de aquisição dos signos (alfabético e numérico). As orientações de letramento social são dadas pela família, igreja, rua. (KLEIMAN, 1995).

Não se pode negar que as práticas de leitura e de escrita desenvolvidas na escola buscam alcançar habilidades individuais de usos sociais que serão medidas e avaliadas nos testes escolares. Essas práticas, entretanto não correspondem ao desenvolvimento socioeconômico e cultural da sociedade, pois fora da escola estão presentes contextos onde o uso da escrita se mostra bem mais complexo. Dessa forma, o letramento escolar é tido como reduzido, determinado pela escola, muitas vezes distante das habilidades e práticas de letramento que realmente ocorrem fora do contexto escolar (SOARES, 2009).

A preocupação com relação ao letramento escolar está enraizada nas práticas específicas de leitura e escrita, que é fruto do direcionamento que se dá a essas práticas. Busca-se o bom funcionamento da instituição, e esta tem representado a leitura e a escrita como cumprimento da função restrita do aprender a ler e escrever. No entanto, é possível verificar que, conforme o direcionamento que se é dado à prática de leitura e escrita nas escolas, o papel da oralidade como significação da escrita não se concretiza, deixando-se de fora do processo esse aspecto tão importante do letramento.

### 3 A LEITURA NO PROCESSO DE LETRAMENTO ESCOLAR

A leitura é um processo que norteia a formação do indivíduo permitindo que o mesmo esteja apto a sua vida social, política, econômica e cultural. Junto com a escrita, ela representa os maiores objetivos de aprendizagem que as escolas almejam alcançar nos alunos, sobretudo, a partir da 1º ano. A complexidade da conceituação do processo de ler torna evidente a

abrangência dessa tecnologia que se encontra presente desde o cotidiano familiar e com os amigos até os meios de comunicação em massa.

O desenvolvimento da leitura se dá por um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas. O texto está embasado num contexto, no entanto é possível que, estando a serviço do leitor, o texto se encontre aberto a inúmeras leituras. No momento da leitura, serão as influências e as experiências com o mundo que o leitor adquiriu que direcionará a interpretação dos signos.

Freire (2001, p.11) atesta a respeito da importância da leitura de mundo afirmando ser imprescindível entender a leitura além da decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita. Segundo o autor:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A complexidade do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Não somente a leitura como também a escrita são fenômenos que estão intimamente ligados ao letramento. Soares (2009, p.68), “explicita que a leitura enquanto prática individual engloba habilidades linguísticas e psicológicas, indo desde a codificação de palavras escritas até a capacidade de compreensão de textos escritos”. Socialmente, as habilidades de leitura estão voltadas tão somente para atender às exigências da sociedade, as quais têm objetivos já definidos.

As concepções sobre leitura estão, em síntese, caracterizadas na decodificação mecânica de signos lingüísticos e no processo de compreensão que envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos (MARTINS, 2003). Tais concepções são fundamentais ao desenvolvimento da

leitura e do hábito de ler. Segundo a mesma autora, “decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível” (op., cit., p.32).

Segundo define Silva (2010, p. 2):

A leitura se constitui, portanto, em um processo complexo de natureza cognitiva, lingüística e social. Tudo que é necessário à realização e uma leitura proficiente obriga o leitor a lançar mão de estratégias e conhecimentos adquiridos historicamente, os quais serão determinantes à construção de sentidos para o texto. Inicialmente, exige-se uma capacidade visual de percepção do código lingüístico em que o texto está materializado (caso de trate de um texto verbal). Em seguida, a construção de um sentido para o texto, considerando tudo o que está explícito na mensagem como também aquilo que podemos inferir a partir e/ou através dela.

Desse modo a leitura é algo que extrapola os limites do texto, não depende unicamente da capacidade de decifrar os sinais, mais valoriza a capacidade do leitor em dar sentido ao mesmo.

Quanto às questões voltadas para O que é ler? Para que se ler? e Como se ler?, encontramos uma necessidade de situar a atividade de leitura de acordo com as concepções de língua(gem).

Segundo Koch e Elias (2006), é importante ter um entendimento sobre a leitura a partir de três concepções. A primeira é a de língua como representação do pensamento, na qual o autor transmite uma mensagem, cujo fim é a captação direta pelo leitor sem haver interação entre os mesmos. Significa uma leitura indiferente às experiências e conhecimentos do leitor.

A segunda concepção considera a língua apenas como um instrumento de comunicação, sendo necessário ao leitor o conhecimento do código utilizado. O foco da leitura está no texto.

Torna-se importante ter um entendimento sobre a leitura a partir de uma terceira concepção, a interacional (dialógica). Essa concepção conduz a atividade de leitura através da interação autor-texto-leitor, na qual o sentido do texto é construído com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual, como também na interação do leitor com o texto a partir das informações explícitas e implícitas ao texto e da ativação de conhecimentos prévios pelo leitor.

Desse modo, o sentido do texto não está pronto, ele é construído com a participação ativa do leitor perante as informações dadas pelo autor e o conhecimento que o leitor dispõe; assim, a interação autor-texto-leitor tende a se tornar cada vez mais profunda e intensa quanto maior forem as livres experiências de leitura, a partir da vivência de cada leitor.

### 3.1 A leitura na escola

O maior desafio que encontramos atualmente nas escolas é o de levar os alunos a desenvolver as habilidades de leitura e escrita para que se tornem capazes de responder as exigências da sociedade atual que cada vez mais exige o domínio da leitura e da escrita como meio para participação social. De fato, a escola é a agência formal cuja função é garantir o aprendizado dos diferentes gêneros textuais assim como suas funções e seus usos no cotidiano.

Entende-se que o ambiente familiar é um importante influenciador do desenvolvimento das habilidades de comunicação e interação. Mesmo antes da inserção das crianças na escola, estas geralmente aprendem a interagir com membros da comunidade e passam a corresponder às necessidades e às regras de conversação.

A relação que se constrói entre os membros da família ou de uma mesma comunidade com relação as suas práticas sociais pode ser o princípio norteador para o desenvolvimento do indivíduo leitor. Kleiman (1995, p. 94) afirma que:

Em suma, a exposição da criança a freqüentes leituras a leva a desenvolver-se como leitora já no período pré-escolar. Esse desenvolvimento contribui, sem dúvida, para uma maior facilidade em acompanhar o ensino proposto pela escola, o que redundará em maior sucesso.

Nesse sentido, é frequente encontrarmos habilidades de leituras distintas em crianças de famílias ou grupos sociais diferentes. As crianças que convivem num ambiente letrado, em contato com livros infantis, histórias e outros gêneros de textos, conseguem desenvolver habilidades relacionadas à leitura, as quais são frequentemente propostas nas instituições de ensino. Nas escolas, as habilidades não exigidas são caracteristicamente encontradas em crianças oriundas de ambientes onde é dado pouco ou nenhum incentivo à leitura.

Logo, fica evidente que crianças que convivem em meio com maior nível de letramento encontram precocemente motivos para ler e escrever e adquire desde cedo a consciência reflexiva sobre os textos, em detrimento daquelas que convivem em meio pouco letrado. Morais e Albuquerque (2004 p. 11) afirmaram que cabe à escola vencer essas diferenças na prática, pois “disso deriva uma ampliação pedagógica fundamental: para reduzir as diferenças sociais, a escola precisa assegurar a todos os alunos - diariamente - a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos diversificados”. A leitura representa para a escola o cumprimento de uma das suas funções mais importantes, sendo também a escrita um importante objetivo a ser alcançado. No entanto, são frequentes as aulas de leitura

rotineiramente ligadas a práticas limitadas e tecnicistas, as quais não condizem com a realidade dos alunos. Tais práticas impedem que o educando se debruce numa leitura curiosa e prazerosa, deixando de percorrer o caminho de mudanças e descobertas que é a essência da leitura. Silva (2006, p. 4) conclui:

Então, a escola deve colocar-se como porta de entrada para novas descobertas e ter consciência de que estas estão diretamente ligadas a leituras; porque acreditamos que depois das experiências que a vida nos oferece, só a leitura é capaz de transformar e formar qualquer ser humano

Segundo Martins (2003), o desenvolvimento de uma leitura eficaz está relacionado à própria existência do homem e pode direcionar-se por um caminho de fantasia, emoção ou por um caráter mais racional. De uma forma geral, esses três tipos de leitura estão interligados um ao outro, um será mais privilegiado do que o outro segundo a maneira como o leitor encara a leitura. Na escola, observa-se um processo de interfases de leitura.

O contato da criança com o mundo da leitura lhe permite iniciar um processo de descobertas; é a leitura sensorial que se dá com a percepção do aspecto lúdico, o jogo de imagens e cores. Não é tão elaborada, no entanto marca a memória do leitor no decorrer de toda a vida.

Esse processo deve ser muito bem desenvolvido pela escola, essencialmente nas séries iniciais, pois a leitura sensorial traz seu aspecto lúdico, fundamental ao tipo de leitor a que se volta; um incentivo ao prazer e à descoberta, ao passo que também possibilita a rejeição daquilo que desagradar.

A leitura emocional é caracterizada pelos sentimentos do leitor. É uma leitura que tende a tornar exposto o sentimento de quem está lendo e com isso, algumas vezes, inferioriza o texto, desviando o objetivo real do autor e a mensagem que ele quis passar.

Esse tipo de leitura leva o leitor a uma expressividade de sentimentos, a depender das memórias que ele tem e do momento em que o mesmo vive. Por medo do que irão pensar, geralmente desconsideramos essa leitura.

As crianças têm mais disponibilidade para desenvolver a leitura emocional, por se tratar de uma leitura mais espontânea elas não têm a preocupação na manifestação das suas emoções. Na escola é necessário que o professor esteja interado desse processo de leitura para conduzir bem a criança a expressar suas emoções sem constrangimento.

A fase de leitura que sucede as anteriores é uma leitura racional, leitura fria de sentimentos e emoções, menos relacionada às nossas experiências pessoais. A leitura racional

ocupa um nível caracterizado pelo intelectualismo, nele o leitor não estabelece nenhuma relação de afetividade com o texto.

Apesar de todos os problemas de funcionalidade e estruturação, é na escola que as crianças aprendem (ou deveriam aprender) a ler. A escola é, para muitas crianças, o primeiro lugar (e, às vezes, o único) onde ela terá contato com a leitura. Logo, fica claro que a escola se estrutura visando à alfabetização, mantendo um caráter formativo, se constituindo em um ambiente privilegiado para a formação dos leitores.

É no ambiente escolar que o professor precisa agir com criatividade, dispondo de métodos que desenvolvam o interesse das crianças pela leitura, por isso a necessidade desse professor ser também um leitor.

### **3.2 O perfil do professor leitor na formação de alunos leitores**

Ao considerar a escola como o lugar onde se aprende a ler logo se pensa no papel do professor e na função que ele desempenha nesse processo. Em se tratando do ensino de leitura e as estratégias que são usadas para a formação de alunos leitores, é fundamental a preparação do professor frente ao processo de ensino-aprendizagem.

No tocante às estratégias de leitura e à formação de leitores na escola, torna-se necessário refletir sobre a formação dos professores, afinal, na escola, o professor é o principal agente de incentivo à leitura dos alunos. Com isso, entende-se que as formações de professores devem ir além de alertar sobre o trabalho de textos com coerência e construtividade; elas devem trabalhar também o hábito da leitura entre os próprios professores. Para tanto, é necessário que esse seja antes, de tudo um leitor. Para Silva (2006, p.5), o professor leitor é aquele que, além de ler assiduamente, preocupa-se sempre com as atividades de leitura de seus alunos.

O problema é que, por vezes, o professor se ver mais como um formador de leitores do que como uma pessoa que também necessita ser formada como leitora. Nestes casos, cabe ao educador interar-se de suas práticas com os alunos, incorporando-as como hábito particular. Assim, ele poderá vivenciar junto com os alunos o caráter transformador que a leitura apresenta.

No Brasil, é frequente encontrarmos professores condicionados a leitores ineficientes, que usam a pouca leitura que exercitam unicamente para o cumprimento das atividades dentro da sala de aula. O resultado disso é um perfil de professores dependentes de fórmulas prontas, tais como os livros didáticos.

Conforme Silva (2009), torna-se fundamental relevar as particularidades do sujeito professor quanto às dimensões que ele ocupa enquanto pessoa leitora, profissional leitor e como leitor dentro de uma organização (a escola).

No âmbito pessoal, o professor está, assim, como qualquer outra pessoa, sujeito às necessidades da vida contemporânea e aos usos a que a prática de leitura se volta no dia-a-dia. Ele traz consigo uma bagagem que é resultante das diferentes etapas do seu desenvolvimento. A formação de uma pessoa leitora é geralmente conduzida pela carga de leitura adquirida nas etapas que se iniciam ainda na infância e continuam por toda vida, como práticas de leituras de interesses particulares. A depender da história do professor, antes de tudo como pessoa leitora, este pode vir a deixar a desejar na sua atuação como professor leitor.

Enquanto profissional leitor, o professor deve ser um representante da incorporação e vivência de períodos de leitura como resposta às expectativas da escola, dos alunos e da sociedade geral; deve ser ainda um símbolo de preparo para conduzir, mediar e dinamizar as competências de leituras com seus alunos.

Dentre os vários objetivos que levam o professor a ser leitor, destacam-se o conhecimento dos aspectos jurídicos da profissão que o permitirá a está ciente dos seus direitos e deveres, e fundamentalmente para que possa fazer uma avaliação justa dos textos escritos de seus alunos.

O professor é participante de uma organização cujo direcionamento funcional se dá através do trabalho coletivo. Nessa dimensão, o professor precisa partilhar experiências de leituras nas decisões a cerca da escola e para isso serão usados diferentes campos do conhecimento que só a leitura permite conhecer.

Silva (2009, p. 3) afirma que:

Simbolicamente falando, o eixo em torno do qual giram a dimensão pessoal, profissional e organizacional da profissão docente é continuamente lubrificado pelas práticas de leituras. O professor lê e faz ler os seus alunos. O professor lê e provê conteúdos. O professor lê e prevê caminhos. O professor lê e se vê melhor nas suas caminhas. O professor lê e se reconstrói nas experiências. O professor lê e se revitaliza incessantemente.

Falar de obrigação é contraditório à natureza de liberdade que a leitura proporciona. Os professores não devem ler unicamente por obrigação de uma profissão por saberem que os educadores precisam estar atentos a ideia de que é preciso ler e escrever bem.

Muitos professores têm dificuldade para escrever e veem o quanto faz falta não terem um bom hábito de ler e escrever constantemente. Por isso é preciso que não parem de estudar,

leiam muito e procurem diminuir suas limitações. É um desafio diário que ele deve levar para dentro da sua sala de aula e ler sempre junto com os seus alunos buscando algo novo.

#### **4 (RE) VISITANDO A PRÁTICA DO PROFESSOR E SEU TRABALHO COM A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Com base na consciência reflexiva necessária aos professores a cerca das estratégias e dos resultados a serem alcançados no ensino-aprendizagem e tendo em vista o desenvolvimento de uma alfabetização baseada nas práticas de letramento, assim como no despertar para uma leitura prazerosa, resolvemos consultar três professoras da alfabetização (1º ano) a fim de que discorressem sobre sua prática pedagógica no que diz respeito ao trabalho com a leitura junto aos seus alunos.

As professoras participantes da pesquisa lecionam na rede privada de ensino. Das três que aceitaram responder as questões voltadas à prática de alfabetização, duas cumprem seu horário de aula no turno da tarde no “Centro Educacional Integrado” situado na rua Coronel Pedro Targino, centro de Araruna. A terceira participante leciona nos turnos da manhã e tarde no “Educandário Núcleo Infantil Arco Íris”, na cidade de Caiçara, na Rua João Pessoa, 47. Pela manhã, desenvolve seus trabalhos escolares com a turma do 1º ano e pela tarde ensina aos alunos de 3º ano do ensino fundamental.

Para coleta de dados e informações foi utilizado o recurso de questionário escrito, contendo cinco perguntas relacionadas ao envolvimento das crianças juntamente com as professoras no momento da leitura e as estratégias utilizadas por estas. Em virtude de comodidade, o questionário foi entregue a cada professora em seu ambiente de trabalho e, conforme preferido pelas mesmas, devolvidos após alguns dias ao pesquisador.

Partindo do entendimento do desenvolvimento do hábito de leitura como um processo delicado que é merecedor de um planejamento detalhado, as indagações presentes no questionário permitiram às professoras participantes exporem suas metodologias, demonstrando assim a preocupação que as mesmas têm em serem facilitadoras do processo de aprendizagem da leitura.

De maneira geral, as professoras participantes da pesquisa demonstraram, através de suas respostas, estarem satisfeitas com a profissão. Todas têm formação pedagógica na área e se identificam com o que fazem.

A conquista do hábito de leitura, nos alunos, exige do professor que ele encare esse processo como sendo o momento apropriado de despertar, antes de tudo, nele próprio, e em

seguida nos alunos, o interesse por ler. Neste momento, as atividades devem estar todas voltadas para o mundo da leitura, variedades de textos, livros e leituras, devem ser apresentadas aos alunos, o objetivo deve ser que ele se identifique com os textos e tenha suas preferências de leitura.

#### **4.1 Análises de questionário**

Passemos aos questionários, mas antes, porém, é mister esclarecermos o direcionamento que daremos aos dados em análise. Faremos menção ao que foi perguntado no questionário e em seguida exporemos em síntese a opinião das professoras participantes, bem como nossas análises, identificando os docentes como P1, P2 e P3, respectivamente. Os questionários na íntegra estarão em anexo ao trabalho.

A primeira questão apresentada às professoras indagava-as sobre como desenvolviam nos alunos o hábito de leitura enquanto uma atividade prazerosa.

Segundo as profissionais da educação, esta é uma tarefa em que o professor precisa usar todas as armas disponíveis.

Para o P1, é necessário trabalhar o lúdico. As estratégias devem ser diversificadas aproveitando a diversidade de gêneros textuais. O uso de textos literários, informativos, humorísticos e contos devem enfatizar fundamentalmente este recurso que é apropriado à educação de criança e ao desenvolvimento da imaginação. P2 respondeu trabalhar com recursos de encenação teatral com fantoches, outros materiais concretos e a utilização de música como funda musical durante a leitura. Conforme respondido pelo P3, a diversidade dos materiais de leitura permitirá ao aluno envolver-se livremente com o tipo de texto que mais lhe agrada, que mais lhe dar prazer. Para tanto, a seleção dos materiais de leitura pelo professor é o início de tudo; essa seleção deve ser ajustada com o nível de interesse dos alunos.

As afirmações das professoras são satisfatórias ao passo que tais educadoras mostram terem preocupação em fazer uso de diversos recursos, buscando chamar a atenção dos alunos para sem que os mesmos se sintam obrigados a serem participantes de aulas de leitura que lhes desagradem. Observa-se ainda que as professoras demonstram reflexões sobre a importância de desenvolver componentes já citados por Martins (2003), as leituras sensorial e a emocional. Nesse sentido mostra-se interessante o uso das artes como o teatro e a música trabalhadas pelas P1 e P2, assim como uma boa seleção de materiais de interesse dos alunos como dito pela P3.

A segunda pergunta fazia menção às estratégias usadas para a leitura. Nesse sentido a P1 explicou que esta é uma fase de descobrimento, onde é necessário introduzir o concreto e o lúdico. As estratégias usadas pela P2 são essencialmente a fantasia e a música. Enquanto que para a P3 é importante se ter um cantinho da leitura bem planejado. Para chamar a atenção utiliza ainda fantoches, dramatizações, histórias mudas, gravuras, cartazes e música.

Percebe-se que a afirmação da P1, apesar de demonstrar sua preocupação em trabalhar a leitura de maneira interessante e diversa, não cita quais as atividades voltadas para o concreto e o lúdico, assim com brincadeiras utilizadas.

Na afirmação da P2 observa-se uma melhor descrição de suas estratégias: a fantasia e a música. A profissional demonstra saber que tais elementos são fundamentais na aula de leitura, afinal a fantasia permite o envolvimento da criança num mundo de imaginação e aprendizado e a música permite desenvolver habilidades cognitivas e motoras, além de bom entrosamento com os colegas.

A afirmação da P3 demonstra maiores diversidades de estratégias para chamar a atenção dos alunos. Sem dúvida, o uso dessas estratégias é o que leva o profissional da educação a alcançar maior êxito nas aulas de leitura com crianças.

A terceira pergunta trazia a questão sobre a preparação da sala de aula para o momento da leitura.

O P1 relatou que é interessante certificar-se do conhecimento prévio dos alunos sobre o que a leitura tratará. O P2 opta por se deslocar da sala para o pátio e conduzir a atividade de leitura de forma mais despojada, o uso de almofadas, de livros diversos e música ambiente são estratégias usadas pela educadora. A contextualização do conteúdo da leitura é a estratégia usada pelo P3.

A partir das afirmações das três educadoras nota-se que apenas a P2 respondeu satisfatoriamente. A educadora demonstra reflexão do conjunto de estratégias que contribuem para tornar o momento da leitura o mais esperado. Para isso, como citado pela educadora, é possível inclusive deslocar-se da sala de aula para um outro lugar.

As afirmações da P1 e P3 apresentaram evasão ao questionamento feito nesta terceira pergunta.

O uso de diversas estratégias e métodos para as atividades de leitura são importantes para o processo de aprender a ler indo além da decodificação dos símbolos gráficos, mas isso deve também desenvolver nos alunos um senso reflexivo sobre o que foi lido. Não basta ler ou ouvir uma leitura, a essência do processo está no sentido que é construído e nas conclusões adquiridas ao término da leitura.

Com base nessa realidade, a quarta pergunta indagou sobre que contribuição era dada pela professora para o desenvolvimento reflexivo das crianças após a leitura.

As três professoras comungam do mesmo entendimento de que a participação oral das crianças é a melhor forma delas externarem suas conclusões sobre o lido. Através de perguntas simples e diretas sobre os personagens e partes da história, é freqüente os alunos criarem histórias ou recontar outras já narradas pela professora. A criação de um final diferente e a representação do texto através de desenho induz o aluno a externar suas vontades, como gostariam que o autor tivesse escrito o texto, como deveriam ser os personagens, etc. Acontece uma reconstrução do texto pelo aluno.

De fato, Kleiman (2007 p. 52) atesta sobre a importância de se discutir para assumir os propósitos da leitura para que haja a compreensão do que foi lido. A autora afirma: A aula de leitura é possível criar condições para o aluno fazer predições, orientado pelo professor, que além de permitir-lhe utilizar seu próprio conhecimento, supre eventuais problemas de leitura do aluno, construindo suportes para o enriquecimento dessas predições e mobilizando seu maior conhecimento sobre o assunto.

A quinta pergunta versava sobre que gêneros textuais as professoras costumavam utilizar no momento da leitura com os alunos.

O P1 afirmou usar diferentes gêneros textuais pelo fato do desenvolvimento individual de cada aluno ser uma resposta da interpretação que cada um faz com o gênero que se identifica. De acordo com P2, o gênero textual deve andar junto com a metodologia mais adequada ao gênero trabalhado. Enquanto que para P3, a utilização de diferentes gêneros textuais está pautada no novo paradigma da educação que aconselha o uso de diversos gêneros de textos usados no dia a dia.

A utilização da diversidade de gêneros textuais disponíveis é o que permite ao professor inovar na sua prática, inserindo seus alunos no ensino que começa na sala de aula e se concretiza nas mais diversas situações do dia a dia. Os gêneros textuais são a representação dos diversos usos da escrita para atender as exigências das situações do cotidiano, seja através de jornais, revistas, poemas, receitas, cartas, trava-línguas e outros.

A três profissionais apresentam afirmações dentro da concepção atual de letramento não se detém apenas às habilidades de ler e escrever; a necessidade de ensino está voltada para textos que trabalhem a linguagem nos diferentes sistemas, o verbal, o visual, gestual, etc. Dessa forma, cabe aos professores a tarefa de gerar as possibilidades para que os alunos se apropriem de gêneros diversos, em situações reais, inseridas num determinado contexto. É

certo que o professor deve promover projetos pedagógicos com objetivos traçados para o conhecimento da leitura, assim como usar adequadamente os gêneros escolhidos.

Mediante isso, é possível afirmar que para se trabalhar o hábito de leitura em alunos que estão no início do processo de descoberta dessa tecnologia que é ler, o professor necessita dar tudo de si, ou seja, como mediador desse processo, precisa estar preparado para perceber as necessidades dos seus alunos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do exposto neste artigo, é possível concluir que é importante e necessário que o aluno, ainda quando criança aprenda a utilizar dentro e fora da sala de aula, nas mais diversas situações, as estratégias de leitura, a fim de que se torne também um leitor eficiente e autônomo, pronto para atender as necessidades comunicativas do dia a dia. A obrigação de se propor aos alunos atividades de leitura diversas em que os mesmos possam desenvolver o gosto pela leitura deve ser sentida pelo professor alfabetizador no desenvolvimento de aulas de leitura empolgante que permitam haver identificações pessoais, particulares de cada aluno e estimulando o prazer em ler.

Ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com os alunos, principalmente após pesquisas recentes que dizem ser esta uma das principais deficiências do estudante brasileiro. Para ler não basta identificar as palavras, mas fazer com que estas tenham sentido, havendo compreensão, interpretação, e ainda poder relacionar e reter o que for mais relevante, tornando-se apto para atuar na sociedade. Sendo assim, o professor tem um papel primordial na formação de alunos não apenas alfabetizados, mas também letrados.

Dessa forma, consideramos que as profissionais que responderam ao questionário aplicado afirmaram exercer uma prática de leitura com seus alunos que permitissem, tanto ao próprio professor quanto aos alunos, desenvolverem habilidades diversas de usar a leitura, ouvindo, cantando, ou contando histórias. Isto nos leva a crer que é a partir da incorporação dos métodos formulados numa perspectiva de aprender com prazer, objetivando fazer uso do aprendido na vida escolar e fora dela, que conduzirá os professores por um caminho de dedicação e sensibilidade para entender as reais necessidades a que a leitura se volta mesmo fora da sala de aula. Professores desatentos a esses detalhes tão importantes na formação de alunos leitores, muitas vezes não conseguem ter a sensibilidade para envolvendo-se com seus alunos para modificar uma realidade que condiciona a si próprios e aos alunos a serem “leitores ineficientes”.

## 6 ABSTRACT

This paper aims to present some reflections on the teaching of reading literacy, taking as its starting point the perspective of literacy. As a reading of the multiple challenges of school and perhaps most appreciated in demand levels in society, their education must allow access to different practices and uses. The focus of the research was an analysis of concepts of learning to read and the relationship between theory and preparation of classroom teachers of reading literacy. To this end, served as the theoretical basis for the preparation of this article authors in the field of education, with some works that turn predominantly to the practice of literacy as Kleiman (1995) and Soares (2009). Other authors referred to as Freire (2001), Martins (2003), Silva (2006) and Koch (2006) contributed texts that also returned to practice reading. So in this article, first we will discuss the definitions of literacy and literacy for comment after reading in the process of literacy education, focusing on reading in school and teacher profile player with student readers. Therefore, tests were made of the direction of the reading lesson from questionnaires given to teachers of literacy (1st year). Data analysis indicated that the teachers guide their work on a constructivist, taking the child as an active process of learning to read. The comparison of data obtained shows that the teachers have a good conception of learning in the process of reading literacy.

**Keywords:** Literacy. Literacy. Reading

## 7 REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva social da escrita*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 7. Ed. Campinas/ SP: Pontes, 2009.

KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Elementos da Pedagogia da leitura*. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *O professor leitor*. Blog Leitura e Ensino. Outubro de 2009. Disponível em: <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/o-professor-leitor>. Data de acesso: 25 de abril de 2011.

SILVA, Fábio P. da. *O ensino escolar da leitura: questões norteadoras*. In: Anais do GELNE, João Pessoa: Ideia, 2006.

\_\_\_\_\_. *O texto na alfabetização de jovens e adultos: aprender a ler/escrever numa sociedade de multiletramentos*. In: Anais do I Congresso Internacional da Cátedra Unescode Educação de Jovens e Adultos. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2010.

22

\_\_\_\_\_. *Letramento escolar: atividades de escrita na aula de língua materna e suas relações com a formação docente*. Dissertação de mestrado, UFPB/PROLING, 2008.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TFOUNI, Leda Verdiane: *Letramento e alfabetização*. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

# Anexos

—DP1

Universidade estadual da Paraíba  
Campus-III Osmar de Aquino  
Curso de Letras  
Componente: TCC  
Tema: Alfabetização e letramento escolar: processos interligados

### Questionário do professor

- 1-Como você busca desenvolver nos alunos o hábito de leitura como uma atividade prazerosa? Levando para a sala de aula vários gêneros textuais como: textos literários, informativos, humorísticos, contos sempre dando ênfase ao lúdico.
- 2-Que estratégias você costuma usar para chamar atenção dos alunos para a leitura? Nesta fase de descobrimento de cada um eu procuro enfatizar e introduzir o concreto e o lúdico porque é mais fácil aprender brincando.
- 3-Como você prepara o ambiente da sala de aula para o exercício da leitura? Ao iniciar as leituras em sala de aula procuro saber ou investigar se cada aluno conhece do que vou falar.
- 4- Como você busca contribuir para que os alunos desenvolvam um senso reflexivo após a leitura? Geralmente quando termino as leituras faço reflexões do tipo: Quem eram os personagens?, o que faziam?, eles estavam certos ou errados?, etc.
- 5- No momento da leitura com os alunos você costuma utilizar diferentes gêneros de texto? Sim. porque cada aluno desenvolve uma maneira diferente de interpretar os textos.

→ P2

Universidade estadual da Paraíba  
Campus-III Osmar de Aquino  
Curso de Letras  
Componente: TCC  
Tema: Alfabetização e letramento escolar: processos interligados

Questionário do professor

1-Como você busca desenvolver nos alunos o hábito de leitura como uma atividade prazerosa?

2-Que estratégias você costuma usar para chamar atenção dos alunos para a leitura?

3-Como você prepara o ambiente da sala de aula para o exercício da leitura?

4- Como você busca contribuir para que os alunos desenvolvam um senso reflexivo após a leitura?

5- No momento da leitura com os alunos você costuma utilizar diferentes gêneros de texto?

De acordo com o gênero trabalhado no dia busco a metodologia mais adequada. Se uso uma poesia busco trabalhar com a música, a rima, e a fala suave...

## Respostas

1º Busco trabalhar através de leitura teatral, usando fantoches, objetos e fundo musical.

2º A fantasia e a música. Por meio das fantasias dos personagens da história procureo atrair a atenção e o gosto pela leitura, além disso canto durante a contação da história o que torna o ambiente mais atrativo.

3º A leitura (O dia da leitura) é realizada no pátio da escola, com almofadas, livros diversos, e música ambiente.

4º A partir da contação de histórias. A cada semana sempre peço para que cada um conte uma história (conhecida ou criada por eles); é surpreendente. Cada um desperta com magia o gosto pelo ato de ler.

→ P3

1 = Para desenvolver nos alunos o hábito de leitura como uma atividade prazerosa é necessário oferecer aos mesmos os mais diversos materiais de leitura. Lembrando que é importante o professor selecionar esses materiais no nível de interesse dos alunos, e ao mesmo tempo incentiva-los a escolher livremente sua leitura para que, aos poucos possam fazer a seleção, tendo liberdade de fazer a sua própria leitura, e o mais importante uma leitura prazerosa.

2 = Na minha sala de aula sempre tem um cantinho da leitura, esse cantinho é bem planejado pois tento torna-lo um lugar atrativo aos olhos dos crianças. Na hora da leitura utilizo diversas estratégias como: fantoches os mais diversos possíveis, cineminha, dramatizações, histórias mudas, gravuras, cartazes e músicas.

3 = O ambiente da sala de aula para o exercício da leitura é sempre feito de forma contextualizada.

4 = Com comentários ou apreciações da história tipo: destacar as partes da história: início, meio e fim, mostrar qualidades e defeitos dos personagens, ressaltar cenas interessantes engraçadas e suspense, pedir que criem um final diferente; interpretar a história através de desenhos.

5 = Sim. No novo paradigma da educação é fundamental no processo de ensino-aprendizagem a utilização de diferentes gêneros de texto (jornais, revistas, revistas em quadrinhos, poemas, letras de músicas, propagandas, receitas, cartas e bilhetes, pequenos anúncios, rótulos, receitas culinárias, provérbios e trava-língua), pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a leitura em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia.

